

## Grupo Focal como Técnica de Investigação Qualitativa na Pesquisa em Educação

Iolanda Mendonça<sup>1</sup>  
Maria de Fátima Gomes<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Departamento de Educação Universidade de Pernambuco, Brasil. iolanda.ms@hotmail.com

<sup>2</sup> Departamento de Educação Universidade de Pernambuco, Brasil. fatimamaria18@gmail.com

**Resumo.** Este estudo evidencia a técnica do Grupo Focal que na investigação que aqui se apresenta teve como objetivo identificar formas de vivência da interdisciplinaridade nas práticas pedagógicas dos anos Iniciais do Ensino Fundamental. Há um crescente número de investigações em Educação que utilizam a técnica de Grupo Focal e encontram nesta a liberdade de expressão, o que possibilita uma participação efetiva dos participantes. Para a execução dessa técnica contou-se com a participação do moderador e do observador, sendo respeitado o rigor metodológico. Os resultados foram analisados através da técnica de análise de conteúdo numa perspectiva analítico-descritiva. Conclui-se que a técnica do Grupo Focal, neste estudo, propiciou momentos de profunda reflexão acerca da interdisciplinaridade e permitiu compreender que as formas com as quais as professoras vivenciam a interdisciplinaridade assentam-se no primeiro nível da relação entre os saberes, o multidisciplinar, estando esta construção atrelada a aspectos intersubjetivos e formativos.

**Palavras-chave:** Grupo Focal. Investigação Qualitativa. Interdisciplinaridade. Prática Pedagógica.

### Focus Group as Qualitative Research Methods in Education Research

**Abstract.** This studying is about the focus group technique which the presented research had as a goal to identify the interdisciplinarity ways of life in the teaching practice in the Elementary School initial terms. There is a growing number of education researches that use the Focus Group technique and find its freedom of expression, which enables effective participation of the participants. For the implementation of this technique it was counted on the moderator and the observer participation, being respected methodological rigor. The results were analyzed by using the content analysis technique in analytical-descriptive perspective. It is concluded that the focus groups technique in this study has led moments of profound reflection about interdisciplinarity and allowed to understand the ways in which teachers experience an interdisciplinarity based on the first level of the relationship between the knowledge, the multidisciplinary, being this construction linked to inter-subjective and formative aspects.

**Keywords:** Focus group. Qualitative Research. Interdisciplinarity. Teaching Practice.

## 1 Introdução

Este estudo focaliza a técnica de Grupo Focal, evidenciando suas contribuições na pesquisa qualitativa, através da experiência vivenciada numa pesquisa desenvolvida no Mestrado em Educação da Universidade Pernambuco-Brasil. O viés aqui apresentado relata a utilização dessa técnica de recolha de dados, o grupo focal, como um dispositivo de coleta em uma pesquisa que teve por objetivo refletir sobre as possibilidades de vivência da interdisciplinaridade nas práticas pedagógicas, de salas de aula, dos anos iniciais do Ensino Fundamental, tendo como participantes, professoras, supervisoras e uma técnica da secretaria municipal de educação.

Justifica-se a utilização da técnica do Grupo Focal, nesta investigação, porque no âmbito das abordagens qualitativas, especificamente na área das ciências humanas e ciências sociais, esta técnica vem sendo cada vez mais utilizada, pois permite que o pesquisador compreenda diferenças e

divergências, contraposições e contradições nos discursos dos sujeitos (Gatti, 2005). Nessa ótica, refere-se que a utilização da técnica de Grupo Focal, neste estudo, surgiu da necessidade de compreender perspectivas e concepções dos participantes sobre a interdisciplinaridade e como essas concepções influenciam o trabalho pedagógico e o processo de ensino-aprendizagem. Considera-se que para compreender a concepção que os participantes exteriorizavam sobre a interdisciplinaridade, a técnica de coleta de dados deveria ser interativa, em que todos se percebessem e compreendessem os motivos pelos quais se chegou à determinada concepção e caracterização sobre a temática em discussão. Gatti (2005), considera que ao se fazer uso da técnica do Grupo Focal, há interesse não somente no que as pessoas pensam e expressam, mas também, em como elas pensam e por que pensam, por isso, a escolha dessa técnica como sendo a principal para o desenvolvimento da investigação.

Dessa forma, a organização textual deste artigo, a princípio apresenta uma discussão sobre definições e conceitos sobre a técnica de Grupo Focal. Seguidamente apresentam-se os aspectos metodológicos do estudo, em seguida, relata-se sobre a experiência com o grupo focal na investigação realizada. Por fim, apresentam-se as conclusões a que se chegou com a aplicação da técnica de coleta de dados relativamente a esta pesquisa.

## 2 Definições sobre a Técnica de Grupo Focal – GF na Investigação Qualitativa

Morgan (1997) define Grupos Focais como uma técnica de pesquisa que coleta dados, por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. Como técnica, ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade (Veiga & Gondim, 2001). Flick (2002), por sua vez, considera que os GFs podem ser vistos também como um "protótipo da entrevista semiestruturada" e os resultados obtidos por meio desse tipo de entrevista. No GF é possível discutir temas que se atrelam ao objeto de estudo, no qual permite ao investigador informações pertinentes sobre as atividades desenvolvidas e observadas. Pode ser caracterizado também como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos (Veiga & Gondim, 2001).

Para Kitzinger (2000), GF é caracterizado como uma técnica que permite a realização de entrevistas com o grupo, baseada na comunicação e na interação. Seu principal objetivo é reunir informações detalhadas sobre um tópico específico, onde este é sugerido por um pesquisador, coordenador ou moderador do grupo. O moderador busca colher informações que possam proporcionar a compreensão de percepções sobre um tema, produto ou serviço. É de referir que mesmo o GF sendo um protótipo de entrevista, ele difere da entrevista individual por propiciar a interação entre os participantes, obtendo os dados necessários à investigação.

Considera-se importante que a formação do grupo não deve ser feita de maneira aleatória, é necessário obedecer a critérios previamente definidos. Os critérios podem ser selecionados no que diz respeito ao ambiente de trabalho, o exercício da profissionalidade, partilhar das mesmas características em nível de escolaridade, condições sociais ou sendo todos funcionários de um único setor público, atentando para que a formação do grupo permita um ambiente favorável à discussão, e propicie aos participantes manifestar suas percepções e pontos de vista (Minayo, 2000).

Os critérios definidos pelo pesquisador para a formação do GF deve propiciar um debate aberto. Um debate que se fundamenta numa discussão racional na qual as diferenças de status entre os participantes não são levadas em consideração (Gaskell, 2002). É notório atentarmos que quanto maior for o número de participantes no grupo focal, maior será a dificuldade de o moderador conseguir compreender as percepções, conceitos e manifestações dos participantes em torno do debate proposto. Por isso, Pizzol (2004), considera que o tamanho ótimo para um GF é aquele que

permita a participação efetiva dos participantes e a discussão adequada dos temas. Na literatura encontramos como número considerado satisfatório que permite a participação efetiva de todos, entre seis a quinze participantes por grupo.

Ainda é de referir que os GFs são adotados em pesquisa de âmbito qualitativo de caráter exploratório, pesquisa-ação, pesquisa participativa, onde nestes casos, pode se tornar o principal instrumento para a coleta dos dados (Morgan, 1997). Além de ser técnica principal nesses tipos de pesquisa, é notório, contudo, outros propósitos mais específicos em sua utilização nas investigações, tais como: focalizar a pesquisa e formular questões mais precisas de investigação; orientar o pesquisador para um campo de investigação; avaliar um serviço ou programa; desenvolver hipóteses de pesquisa para estudos complementares (Morgan, 1997).

Em síntese, considera-se que a técnica de Grupo Focal é relativamente importante para estudos qualitativos, uma vez que permite ao pesquisador compreender o objeto da pesquisa, seguindo-se por processo interativo. Além disto, favorece a compreensão de elementos subjetivos, ideológicos que marcam o discurso e as concepções dos sujeitos participantes, dando margem, inclusive, para que se proponham novos questionamentos para estudos futuros.

### 3 Metodologia

O estudo desenvolvido foi orientado pela abordagem qualitativa de pesquisa, também chamada de naturalística. A pesquisa foi desenvolvida em duas escolas municipais e contou com a participação de quatro professoras, duas supervisoras e uma técnica da secretaria municipal de educação. A análise dos dados foi feita pela análise de conteúdos Bardin (1994), seguindo uma perspectiva analítica descritiva.

A análise dos dados foi agrupada compondo os seguintes temas descritores: vivência da interdisciplinaridade (aspectos que subsidiou este artigo); consequências da disciplinarização do conhecimento e novas formas de ensinar e aprender pelo viés da interdisciplinaridade. Após a categorização dos dados, os temas descritores foram submetidos a uma análise específica e uma compreensão analítica a partir de duas categorias consideradas fundamentais para o trabalho interdisciplinar, sendo estas: a parceria e a reflexividade. Ao final, foram realizadas a interpretação dos dados e a relação destes com as perspectivas dos autores que subsidiaram o referencial teórico do estudo. É de referir que durante a investigação, os dados coletados teve predominância descritiva, seguindo-se um processo indutivo, onde o significado maior não esteve nos resultados, mas, no processo conduzido em todas as etapas da pesquisa.

O significado atribuído em todas as etapas do estudo está fundamentado pelo que refere Moreira (2002), pois numa pesquisa de natureza qualitativa considera,

1) a interpretação como foco. Nesse sentido, há um interesse em interpretar a situação em estudo sob o olhar dos próprios participantes; 2) A subjetividade é enfatizada. Assim, o foco de interesse é a perspectiva dos informantes; 3) A flexibilidade na conduta do estudo. Não há uma definição a priori das situações; 4) O interesse é no processo e não no resultado. Segue-se uma orientação que objetiva entender a situação em análise; 5) O contexto como intimamente ligado ao comportamento das pessoas na formação da experiência; e 6) O reconhecimento de que há uma influência da pesquisa sobre a situação, admitindo-se que o pesquisador também sofre influência da situação de pesquisa. (p. 52).

Durante a realização da pesquisa, houve uma preocupação em estudar o contexto, pois no ambiente natural ocorrerem situações concretas, nas quais possibilita melhores compreensões e investigações

do objeto em questão. Isso porque na abordagem qualitativa de pesquisa, “os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhores compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 48). Por isso se buscou estudar e compreender o ambiente das salas de aulas, lócus desta pesquisa, interpretando as situações concretas que ocorrem sobre a vivência interdisciplinar, as práticas pedagógicas e o processo de ensino aprendizagem.

Ainda de acordo com (Bogdan & Biklen, 1994, p. 51), “o processo de condução de investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos”. Essa dialogicidade entre investigador e sujeitos investigados, permite a construção de um processo interativo e de percepção acerca das necessidades circundantes. Ressalta-se que essa dialogicidade, foi construída nessa investigação mediante a condução do GF, onde se construiu um processo interativo entre sujeito pesquisador e sujeitos pesquisados, compreendendo as necessidades que emergiram de suas práticas de salas de aula.

O estudo, como já dito anteriormente, foi fundamentado pelos meandros da pesquisa-ação. Barbier (2002) refere que pesquisa-ação, é uma ação estruturada, na qual cientifica a prática, a partir de princípios éticos. Ou seja, o pesquisador ao utilizar a pesquisa ação, porta de uma ação concreta, na qual permite que a prática seja estruturada em elementos da ciência. Ainda neste âmbito, Thiollent (2011), a pesquisa-ação é,

“um tipo de pesquisa com base empírica e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação e do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”. (p. 20).

Observe-se que na opinião de Thiollent (2011), este tipo de pesquisa prever a resolução de um problema de forma coletiva e de modo participativo. No caso aqui em foco, esta investigação buscou compreender e buscar soluções alternativas para situações problemáticas relacionadas à prática pedagógica de professores do 1º ciclo do Ensino Fundamental da Educação Básica. Para isso, vivenciou como ações intervencionistas, planos coletivos de trabalhos fundamentados pela concepção histórico-dialética da interdisciplinaridade.

#### **4 Trabalho de Campo. A experiência com o Grupo Focal (experiências, resultados e análise)**

O estudo que originou este artigo objetivou compreender de que forma as professoras vivenciam a interdisciplinaridade em suas práticas pedagógicas. Para tanto, adotou-se como opção conceitual a interdisciplinaridade tendo como abordagem a investigação qualitativa, com ênfase na pesquisa-ação. Os dados foram obtidos por intermédio das técnicas do GF, prioritariamente. No entanto, foram utilizadas também, entrevistas semiestruturadas e de observações simples complementarmente.

A formação do grupo foi intencional, a partir de alguns pontos. Optou-se, neste estudo para composição do GF pelo critério dos sujeitos, as professoras, serem docentes do 1º ciclo dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Educação Básica. Isso favoreceu para que os relatos de suas experiências, tensões, necessidades, valores e crenças, pudessem ser compreendidos a partir de suas semelhanças e homogeneidade. O número de participantes na composição do grupo foi composto por sete sujeitos, o qual seguiu orientação da literatura, que refere de seis a quinze pessoas como um número recomendável. Outra intencionalidade no que toca a composição do GF foi de ter a participação das supervisoras e de uma técnica da secretaria municipal de educação para que possam ser disseminadoras dentro da área em que atuam. Em outras palavras, para que junto às

professoras sejam sujeitos que propaguem as reflexões e as discussões que ocorrem nas sessões com o GF.

Em todas as sessões com os participantes do GF que somou um total de seis sessões, procurava-se manter a atenção máxima nos depoimentos das colaboradoras que expressavam aspectos que interferiam na construção de suas práticas pedagógicas, e os fatores que causavam tensões e dificuldades para a vivência da prática interdisciplinar. A moderadora sempre deixou as professoras, sujeitos da pesquisa, de modo confortável, encorajando-as para que expressassem livremente suas concepções sobre a interdisciplinaridade e sobre as temáticas em discussão. Procurou falar pouco e ouvir mais, e em alguns momentos fizeram-se intervenções, quando necessário, para manter o debate focalizado, em consonância com a temática em discussão e nas orientações de estudos sobre o grupo focal.

No que toca às temáticas que foram objeto de discussão nas sessões com GF, destaca-se a vivência da interdisciplinaridade nas práticas pedagógicas, de sala de aula, dos professores das séries iniciais do Ensino Fundamental; consequências para o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes do 1º ciclo das séries iniciais em práticas pedagógicas assente na disciplinarização do conhecimento e como construir um trabalho interdisciplinar, frente às novas formas de ensinar e aprender? Nesse sentido, ressalta-se que essas temáticas que foram discutidas, possibilitaram reflexões acerca do objeto teórico desta pesquisa, a interdisciplinaridade, bem como, a pretensão que teve de propor, com base nas observações realizadas *in loco*, ações que possibilitassem a melhoria de dificuldades enfrentadas no âmbito das salas de aulas investigadas, relacionadas às práticas pedagógicas e ao processo de ensino aprendizagem que estavam focadas de forma fragmentada e avessas à vivência da interdisciplinaridade. Mais ainda, pretendeu-se com a formação do GF, que os participantes, sujeitos desta investigação, fossem disseminadores de ideias debatidas e das proposições feitas para a vivência da interdisciplinaridade na perspectiva histórico-dialética, concepção de interdisciplinaridade que orientou as ações intervencionistas realizadas no âmbito desta investigação-ação.

Assim sendo, na sessão realizada com o GF, em que se discutiu a vivência da interdisciplinaridade nas práticas pedagógicas, de sala de aula, procurou-se compreender as concepções das professoras, sobre a forma de vivência da interdisciplinaridade no âmbito de suas práticas pedagógicas. Para isso, se propôs que elas expusessem situações exitosas do trabalho pedagógico, no que toca a vivência interdisciplinar no processo de ensino-aprendizagem. Neste âmbito, apresentam-se fragmentos transcritos dos discursos das professoras sobre formas de vivência de uma prática interdisciplinar, por elas, desenvolvida.

Sugeri que a gente fizesse uma apresentação. [...] fui preparar os personagens. Quem eram os personagens, a gente dramatizou e apresentou. Antes eu trabalhei a fábula e depois que apresentou e fez à dramatização eu pedi que eles fizessem um resumo de como foi à fábula, o que entendeu. [...] Eles fizeram o resumo e depois a reescrita do texto. A partir daí, a gente foi identificar as expressões, fazer a reescrita, organizar parágrafo, trabalhou-se a pontuação também a partir da reescrita, e fez a avaliação [...] desse momento. E essa fábula que eu trabalhei, o sapo e a rosa, deu pra trabalhar também os valores [...] que entrou em ensino religioso, a questão dos valores. O que você destaca ser mais importante no sapo e na rosa. Vocês se identificaram? Como foi o comportamento da rosa. E o sapo? O sapo queria sair de perto dela? (Prof. I)

“Eu trabalhei O cão e a carne que é uma fábula. Eu trabalhei a leitura com eles, primeiramente fiz o levantamento prévio deles, apresentei vários tipos de títulos no cartaz. Depois expus a fábula em cartaz. [...] Depois fizemos uma leitura coletivamente e a partir

daí eu trabalhei com a sequência. Trabalhei as vogais, pequenos parágrafos para eles identificarem as vogais. As personagens. Aí depois trabalhei ciências, o rio, a importância do rio, como é que está o rio da nossa cidade, o que poderia ser feito. Uma gravura do rio que tinha a personagem do Cebolinha, ele ia tomar banho no rio, porque ele não conseguiu? Identificassem os elementos que poluía o rio, o que poderia ser feito? Quem estava fazendo aquilo com o rio? Tudo na oralidade. Depois trabalhei com probleminhas. O cão ia com um pedaço de carne, soltou com quantos ficou? E foi assim, bem proveitoso. E também a moral, né, os valores. Quem tudo quer nada tem. E assim eu já entrei pra questão dos coleguinhos que fica de olho no lanche do outro. Eles trocam, trocam o lanche por brinquedo”. (Prof. II)

“Eu trabalhei a fábula A lebre e a tartaruga. [...] Trabalhei dentro da área de ciências animais invertebrados. [...] depois que dei conta em ciências eu fui pra matemática. Matemática, trabalhei tabela. Por que corrida não é um esporte? Então fiz uma tabela no quadro. [...] Trabalhei também a moral com os valores, né, a inteligência e a paciência. E também trabalhei em geografia a paisagem. O local que ele estava. Onde aconteceu a corrida né é uma paisagem. O que é a paisagem? Levei eles pra ver a paisagem mostrei que na paisagem tem elementos naturais e elementos culturais. Foi uma sequência [...]” (Prof. III)

“[...] Então assim foi trabalhado as quatro estações em ciências, aí entrou a questão da música que a cigarra ficava cantando. Dentro das estações do ano fomos pra matemática, quanto em quanto tempo dura cada estação. A solidariedade porque assim, a gente viu que quando termina, a formiga estava trabalhando e a cigarra cantando. E depois mostra um momento que ela fica irritada com a cigarra, mas ela volta atrás e chama a cigarra pra dar um aconchego, aquela coisa, então a questão da solidariedade. [...] Então assim, foi bem trabalhada, bem trabalhada, tanto à questão da oralidade quanto a questão da escrita a gente trabalhou várias atividades pra português, pra matemática, ciências, religião”. (Prof. IV)

Estas formas de vivências apresentadas pelas professoras de suas práticas pedagógicas concebidas por elas como interdisciplinares indica que “[...] a interdisciplinaridade é o lugar onde se pensa hoje a condição fragmentada das ciências e onde, simultaneamente, se exprime a nossa nostalgia de um saber unificado” (Pombo, 2005, p. 4).

Com base nas vivências interdisciplinares apresentadas anteriormente, registra-se no conteúdo dos discursos a presença manifesta da reflexividade e da parceria, categorias mestras para o trabalho interdisciplinar. Sobre a reflexividade, é perceptível no registro dos seguintes trechos: “[...] O que você destaca ser mais importante no sapo e na rosa. Vocês se identificaram? Como foi o comportamento da rosa. E o sapo? O sapo queria sair de perto dela? (Prof. I) “[...] Cebolinha, ele ia tomar banho no rio, porque ele não conseguiu? Identificassem os elementos que poluía o rio, o que poderia ser feito? Quem estava fazendo aquilo com o rio? O cão ia com um pedaço de carne, soltou com quantos ficou? [...]” (Pro. II). “[...] O que é a paisagem [...]”? (Prof. III). “[...] quanto em quanto tempo dura cada estação” (Prof. IV).

Infere-se que esses fragmentos do discurso das professoras incitam os estudantes ao ato de pensar e refletir sobre o que se aprende, pois “é impossível conceber o ser humano sem que o mesmo faça uso da atividade do pensar”. (Silva, 2009, p. 236). Na medida em que os professores apresentam aos estudantes situações concretas e lhes permitem questionar os acontecimentos isso favorece a possibilidade de compreender, interpretar e seguidamente encontrar novas possibilidades,



exercitando assim o pensamento e a reflexão. Incitar a reflexão nos estudantes é uma maneira de lhes tornarem críticos, conscientes, pensar sobre o que fazem. (Libâneo, 2012). Além disto, propor situações que desafiem os estudantes a refletir é imprescindível para a construção da criticidade, bem como para a vivência de uma prática interdisciplinar.

O conteúdo dos discursos das professoras também permite identificarmos a vivência da parceria, sendo esta percebida quando afirmam que “Sugeri que a gente fizesse uma apresentação. [...] fui preparar os personagens. Quem eram os personagens, a gente dramatizou e apresentou [...]” (Prof. I). “[...] Eu trabalhei a leitura com eles, primeiramente fiz o levantamento prévio deles, apresentei vários tipos de títulos no cartaz. Depois expus a fábula em cartaz. Depois fizemos uma leitura coletivamente [...]” (Prof. II). “[...] A solidariedade porque assim, a gente viu que quando termina, a formiga estava trabalhando e a cigarra cantando [...]” (Prof. IV) Ressalta-se que no discurso da profa IV identifica-se a parceria de forma latente. É importante destacar-mos que não percebeu de forma manifesta ou latente a parceria no discurso da professora III.

Sobre a parceria Silva (2009) afirma que esta se constrói

[...] de um encontro entre os sujeitos socialmente constituídos que pretendem, através de uma prática pedagógica interdisciplinar, aglutinar esforços no sentido de inovar não só currículos escolares, mas também de transformar estruturas sociais que estão a caducar, sobretudo, pela ausência da participação conjunta dos sujeitos. (p. 208).

Sublinha-se do pensamento de Silva que a parceria como uma das categorias epistemológicas do trabalho interdisciplinar se dá no encontro entre os sujeitos. Esse encontro é notório nos discursos das professoras que lhes permitiram junto aos estudantes desenvolver atividades e incitar a participação conjunta. Infere-se que a vivência da interdisciplinaridade pelo encontro permite que o trabalho pedagógico esteja alicerçado pela escuta, pelo compartilhar de experiências e, sobretudo, pelo olhar do eu e do outro. Ou seja, permite que professores e estudantes se percebam enquanto sujeitos coletivos que estão em busca de vivenciar novas possibilidades para a construção do conhecimento. E isso foi percebido quando as professoras propuseram a apresentação de dramatização, leitura com os estudantes e discussões coletivas através do encontro e de ações coletivas.

No entanto, há que ressaltar que essas formas de vivência da interdisciplinaridade relatadas pelas professoras indicam, por outro lado, uma perspectiva escolar da interdisciplinaridade que de acordo com Lenoir (2008),

tem por finalidade a difusão do conhecimento (favorecer a integração de aprendizagens e conhecimentos) e a formação de atores sociais: colocando-se em prática as condições mais apropriadas para suscitar e sustentar o desenvolvimento dos processos integradores e a apropriação dos conhecimentos como produtos cognitivos com os alunos. (p. 51).

Nesse caso, a vivência da interdisciplinaridade relatada pelas professoras se baseia na integração disciplinar que é considerada como uma etapa inicial para a construção do trabalho interdisciplinar. Apesar disto, não podemos deixar de compreender que vivenciar a integração é uma forma preparatória para trabalhar a interdisciplinaridade, pois a ideia de integração carrega o sentido de um aspecto que avança mais na qualidade de relação, é o momento do novo, de transformação (Crusoé, 2014). Vale destacar, que este tipo de vivência não propicia a mudança da prática, uma vez que o problema não é apenas diluir as fronteiras entre as disciplinas, por meio da integração, mas, é transformar os princípios organizadores que acentuam e demarcam a fragmentação do conhecimento.

Por isso, compreende-se que a elaboração da prática pedagógica utilizando apenas a integração entre as disciplinas curriculares não propicia a integração mútua dos conceitos-chaves da epistemologia, da terminologia, do procedimento, dos dados e da organização da pesquisa e ensino, relacionando-os (Fazenda, 2008). Sendo assim, a vivência da interdisciplinaridade pelo princípio integrador, objetiva desenvolver um trabalho de relação entre as disciplinas, propicia apenas o estabelecimento de relações entre os conhecimentos.

Apesar da vivência da interdisciplinaridade emergir na prática pedagógica das professoras pelas vias da integração disciplinar, concebe-se que os relatos prescindiram das concepções e dos conceitos que elas têm sobre a interdisciplinaridade. Os sujeitos não conseguem enxergá-la como “atitude epistêmica entendida como corpo conceitual que orienta as crenças, as atitudes, ações, valores e os conhecimentos produzidos” (Fraga, 1992, p.21), pois suas concepções sobre interdisciplinaridade permeiam como sendo “integrar duas ou mais disciplinas em uma aula”, “juntar o conhecimento de acordo com as disciplinas”. Diante das sessões com o GF, compreendeu-se que a elaboração de suas práticas pedagógicas carregam elementos intersubjetivos, uma vez que os relatos transcritos apresentam de forma manifesta que a interdisciplinaridade aconteceu porque “[...] entrou um pouquinho de ciência de matemática” (Prof. III). “Trabalhou várias atividades pra português, pra matemática, ciências, religião” (Prof. IV).

Essa forma de conceber a interdisciplinaridade repousa na experiência profissional, em aspectos intersubjetivos e pelas formações que recebem da Secretaria Municipal de Educação, a qual propõe que o trabalho pedagógico seja integrado e busque relacionar os conhecimentos disciplinares. Essa constatação é fundamentada, quando se relata no GF o município já adota um ensino interdisciplinar porque se construiu uma “[...] agenda pedagógica que é um documento elaborado pela secretaria de educação que norteia o trabalho do professor, não engessa o trabalho do professor” (Técnica da secretaria). A proposta da secretaria municipal para desenvolver práticas interdisciplinares, propõe uma agenda mensal, na qual é composta por um eixo temático. Uma das temáticas citadas foi o direito do consumidor é exercer a cidadania, que foi orientada para que trabalhasse “[...] com rótulos, propagandas, listas, porque a partir do momento que incentivamos ao nosso aluno a verificar os rótulos, data de validade, seus direitos isso é exercer a cidadania, não consumir alimentos estragados” (Técnica da secretaria). A orientação é que o estudo dos eixos propostos na agenda pedagógica contemple todas as disciplinas curriculares, destacando estratégias de leitura, escrita, reescrita de textos e oralidade.

Em síntese, afirma-se que a vivência da interdisciplinaridade na perspectiva da integração disciplinar, elaboradas no âmbito das práticas pedagógicas das professoras, sujeitos da pesquisa, são resultados de suas concepções, as quais são influenciadas por elementos experienciais, formativos e intersubjetivos, percebidos diante da compreensão das falas e da própria interação mediante ao GF. Infere-se que a vivência da integração de disciplinas como forma de vivenciar a interdisciplinaridade não permite que professoras e estudantes, sujeitos de sua própria ação, engajem-se num processo de investigação, redescoberta e construção coletiva do conhecimento, ignorando a divisão do conhecimento em disciplinas para compartilhar ideias, ações e reflexões, contrapondo-se a simples ação de relacionar conhecimentos.

Como já dito em outra parte deste texto, esta investigação se baseia pelos meandros da pesquisa-ação. Tendo em vista a forma de vivência interdisciplinar vividas pelas professoras, surgiu a necessidade de delimitar uma concepção de interdisciplinaridade para nortear as ações intervencionistas. Assim, foi sugerida que a investigação, do ponto de vista epistemológico, fosse orientada por uma concepção social de interdisciplinaridade, a concepção histórico-dialética, a qual se orienta pelo pensamento complexo. Esta concepção propõe aos profissionais da educação um repensar no campo das práticas pedagógicas e das “verdades” científicas, levando em consideração a diversidade de ideias, crenças e percepções, propondo integrá-las na sua complementaridade.



Ressalta-se que esta concepção social de interdisciplinaridade é demarcada a partir de três aspectos da dialética materialista histórica, a saber: enquanto uma postura ou opção de mundo; enquanto método que permite apreender radicalmente a realidade social e enquanto práxis.

As ações intervencionistas, elaboradas pelas professoras do 1º ciclo do Ensino Fundamental, se propuseram a levar em conta a vivência da problemática social em sala de aula, através de temáticas de estudo que viabilizem uma prática pedagógica assente na interdisciplinaridade pedagógica e social. Para isso, propõe-se a vivência da interdisciplinaridade a partir do aspecto enquanto uma postura ou opção de mundo, que permite a inserção dos alunos em práticas baseadas na criatividade, na diversidade e na realização de ações pedagógicas que estimula o protagonismo e a ação ativa dos sujeitos.

## 5 Conclusões

A técnica de Grupo Focal, neste estudo, assume relevância, contribuindo sobremaneira como técnica para coleta de dados na pesquisa desenvolvida. Conclui-se que a técnica escolhida propiciou intensas reflexões acerca da interdisciplinaridade e permitiu aos participantes um interesse em refletir sobre a temática, o que facilitou as relações, interações e novas construções acerca dessa temática, quando se propôs a realização de planos coletivos de trabalho mediante a concepção histórico-dialética da interdisciplinaridade, intervenção realizada com base na pesquisa-ação.

Partindo do pressuposto de que numa pesquisa qualitativa os pesquisados são sujeitos que possuem experiências e que possuem percepção própria acerca do mundo que os cerca, foi extremamente importante o uso da técnica de GF, pois esta permitiu-nos ampliar a discussão sobre a interdisciplinaridade a partir das experiências práticas do cotidiano em sala de aula vividas pelas professoras.

Portanto, este estudo desenvolvido por meio da técnica de GF, contribuiu significativamente para o desenvolvimento desta investigação, uma vez que se compreendeu de forma interativa os significados e as percepções a cerca da interdisciplinaridade correspondendo a um espaço mais profundo das relações, tornando o resultado da pesquisa um fruto coletivo. Neste sentido, a técnica do GF assumiu relevância, contribuindo eminentemente como técnica para coleta de dados na pesquisa qualitativa. Enfim, conclui-se que a técnica do Grupo Focal, neste estudo, propiciou momentos de profunda reflexão acerca da interdisciplinaridade e permitiu compreender que as formas com as quais que as professoras vivenciam a interdisciplinaridade, apesar de identificarmos a presença da reflexividade e da parceria, categorias mestras para o trabalho interdisciplinar, as práticas por elas relatadas assentam-se no primeiro nível da relação entre os saberes, o multidisciplinar, estando esta construção atrelada a aspectos intersubjetivos e formativos.

## Referências

Bardin, I. (1994). *Análise de conteúdo*. Lisboa, Edições Setenta.

Bogdan, R., & Biklen, S. K (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto, Portugal, Editora Porto.

Crusoé, N. M. C. (2014). *Prática Pedagógica interdisciplinar na Escola Fundamental: sentidos atribuídos pelas professoras*. Curitiba, CRV.

- Fazenda, I. (2008). *Didática e interdisciplinaridade*. Campinas São Paulo, Papirus.
- Fraga, D. (1992). Considerações epistemológicas sobre o conceito de interdisciplinaridade: implicações para a educação, AEC, Brasília, Abril.
- Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre, Bookman.
- Gaskell, G. (2002). Entrevistas individuais e grupais. In Gaskell, G. Bauer, M. W. (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, Vozes, 64-89.
- Gatti, B. A. (2005). *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Líber Livro.
- Kitzinger, J. (2000) Focus groups with users and providers of health care. In: POPE, C.; MAYS, N. (Org.). *Qualitative research in health care*. London, BMJ Books.
- Lenoir, Y. (2008). Didática e interdisciplinaridade: uma complementaridade necessária e incontornável. In FAZENDA, Ivani. *Didática e interdisciplinaridade*. Campinas, São Paulo, Papirus, 45-76.
- Libâneo, J. C. (2012) Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? In, Pimenta, S. G. & Ghedin, E. *Professor Reflexivo no Brasil gênese e crítica de um conceito*. São Paulo, Cortez, 63-93.
- Minayo, M. C. S. (2000). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo, Hucitec.
- Moreira, D. A. (2002). *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo, Pioneira Thomson.
- Morgan, D. (1997). *Focus group as qualitative research*. Qualitative Research Methods Series.16. London: Sage Publications.
- Pizzol, S. J. S. (2004). *Combinação de grupos focais e análise discriminante: um método para tipificação de sistemas de produção agropecuária*. Rev. Econ. Sociol. Rural, Brasília, p. 451-468.
- Thiollent, M. (2011). *Metodologia da Pesquisa-ação*. São Paulo, Cortez.
- Veiga, L., & Gondim, S. M. G. (2001). *A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político*. Opinião Pública, 1-15.